

# DO NASCIMENTO AOS PRIMEIROS PASSOS: A IMPORTÂNCIA DA VINCULAÇÃO

Ana Paula Forte Camarceiro\*



*O bebê humano nasce num estado relativamente imaturo e, por isso, a sua sobrevivência depende das diligências da mãe.*

A qualidade da vida familiar pode avaliar-se através das relações existentes entre os indivíduos que a constituem. Vários autores mostram como o desenvolvimento só se pode processar numa perspectiva de relação e daí a referência à díade mãe-filho.

O bebê humano nasce num estado relativamente imaturo e, por isso, a sua sobrevivência depende das diligências da mãe. A frase lapidar de Winnicott "O que existe não é o bebê mas os cuidados maternos" não é completamente verdadeira mas é muito importante. Hoje sabe-se que o bebê nasce com um grande conjunto de competências, mas é a mãe que vai ajudar a mantê-las.

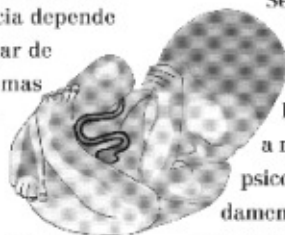
A mãe, que espera o bebê há meses, foi-se identificando com ele, consciente e inconscientemente,

ficando especialmente orientada para as necessidades do seu filho. A esta condição psicológica da mãe, dá Winnicott o nome de *Preocupação Maternal Primária*. É como se fosse uma "doença normal" que capacita a mãe a adaptar-se, de forma delicada e sensível, às necessidades iniciais do bebê e a responder-lhe adequadamente.

Segundo esta perspectiva, a mãe parece ser a pessoa mais adequada para cuidar do seu bebê.

Deve realçar-se, no entanto, que quando a mãe não tem condições, quer físicas quer psicológicas, para cuidar do seu bebê, o fundamental é que exista uma pessoa, que pode ser o pai, a quem este se ligue, ou seja, que exista uma figura maternal (que designaremos por mãe).

Do ponto de vista psicológico, há uma certa unanimidade, entre diferentes autores, em reconhecer a



\* Enfermeira Graduada — Maternidade Bissaya Barreto. Lic. em Psicologia. Mestrando em Psi. Clínica do Desenvolvimento.

importância da mãe como pedra fundamental no desenvolvimento da personalidade da criança.

A teoria da vinculação de Bowlby (1976) salienta o quanto é essencial para o plano de crescimento que a criança faça a vinculação a uma figura mater-



nal. Ao longo dos primeiros meses, a organização psíquica do bebê desenvolve-se rapidamente tendo uma grande parte, por função, relacionar-se com a mãe, mas é através duma série de fases que progride até ao estágio em que consegue ordenar o seu mundo cognitivo em termos do que é o "ser humano" e o que é a "mãe".

Nas primeiras semanas de vida a face e a voz humanas têm um interesse especial para o bebê, mas ele não sabe o que é o ser humano. Numa primeira fase, dos 0 aos 3 meses, há uma falta total de diferenciação entre sujeito (ele, o bebê) e objecto (a mãe). Mais tarde, dos 3 aos 6 meses, o bebê passa por outra fase em que se relaciona com

objectos parciais, isto é, com fragmentos da figura humana: os olhos, a boca, o seio, ou seja, apenas partes de um objecto humano total, mas faz também uma orientação visual particular para com a mãe e discrimina certos estímulos.

Piaget, consolida esta ideia de Bowlby de que, na fase inicial não há diferenciação entre sujeito e objecto. É como se o bebê e a mãe estivessem envolvidos completamente no inte-

rior duma concha, chamada por M. Mahler "concha autista normal" que parece proteger a criança do excesso de estimulação.

Nas fases seguintes, e segundo Piaget, "a criança é testemunha de uma procissão de imagens visuais, auditivas, tácteis e quinstésicas, cada uma das quais existindo apenas no aqui e agora e não pertencendo a nada de mais permanente". Como tal, trata-se de um mundo de retalhos a que o bebê reage com uma série de respostas *ad-hoc*. Esta ideia é

concordante com a opinião de Bowlby de que o bebê se relaciona, numa segunda fase, com objectos parciais e com a de Mahler de que após a ruptura da concha autista há passagem para uma fase (simbiótica) em que a mãe é investida enquanto objecto parcial. Para Spitz, do segundo ao quarto mês, o bebê responde à percepção não de um ser humano, mas apenas de um sinal gestáltico visual.

Não é muito antes da idade de 9 meses que o bebê constrói, finalmente para si próprio, um mundo de objectos permanentes e que não é, portanto, senão depois desta idade que ele é capaz de conceber os objectos dotados de certos atributos dos seres humanos.

Apesar disso, há uma importante fase intermediária que começa por volta dos 6 meses. Nesta altura, as respostas diferenciais do bebê e a sua reactividade entre uma figura maternal fami-

liar e um estranho está presente e é muito nítida.

Segundo Spitz, há o receio pro-

nunciado de evitar os estranhos e um voltar-se para a mãe. Esta fase foi designada angústia do 8º mês ou angústia do estranho e ocorre entre 6º e 8º mês. É um indicador do desenvolvimento e traduz-se por uma

### *As respostas que constituem o comportamento de vinculação são chupar, agarrar, seguir, chorar e sorrir*

estruturação rápida da personalidade.

Pode afirmar-se, hoje, que a vinculação começa no ventre

materno,

mas,

segundo

Bowlby, esta

processa-se

imediatamente a

seguir ao

nascimento,

respon-

dendo a cri-

ança de

modo caracte-

rístico a

estímulos

interessantes, dos quais nem todos se relacionam com o alimento. Graças à natureza humana que herda, o bebé está predisposto a interessar-se, entre outras coisas, pela sensação de alguma coisa quente, húmida e semelhante ao mamilo nos lábios, ou pela visão de uns olhos brilhantes, respondendo de forma característica, ora chupando, ora sorrindo.

Nos primeiros meses de vida dá-se a maturação de um conjunto de respostas instintivas complexas e bem equilibradas, cuja função é assegurar a obtenção de cuidados parentais suficientes para a sua sobrevivência. Com esta finalidade o seu equipamento inclui respostas que promovem o contacto íntimo com um dos pais e respostas que evocam a actividade parental.

As respostas que constituem o

comportamento de vinculação são chupar, agarrar, seguir, chorar e sorrir e cabem em duas classes:

- Chupar, agarrar e seguir realizam, por um lado, a alimentação e, por outro, proximidade íntima com a mãe, sendo necessário da parte desta apenas uma

resposta recíproca limitada.

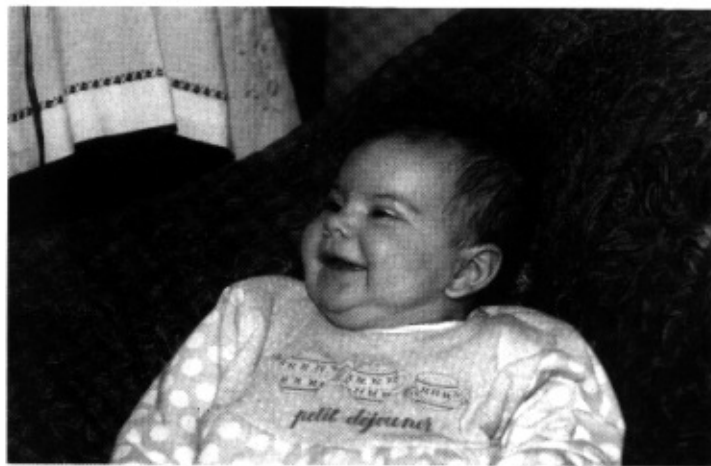
- Os resultados de chorar e sorrir dependem do seu efeito sobre o comportamento maternal.

***O fim do primeiro ano de vida contém as bases da saúde mental do ser humano. Estudos feitos demonstram que as crianças seguramente vinculadas durante o primeiro ano são, posteriormente, mais cooperantes, mais afectivas, menos agressivas...***

Se a criança quer agarrar, seguir ou encontrar um "porto seguro" quando está assustada, a mãe é a figura que habitualmente proporciona o objecto necessário. É por esta razão que a mãe se torna uma figura tão central na vida da criança.

Num desenvolvimento saudável é para ela que dirige cada uma das várias respostas. É em relação à mãe que as várias respostas se tornam integradas num comportamento complexo a que Bowlby chamou comportamento de ligação.

A criança muito cedo, por um processo de aprendizagem, acaba por centrar as suas respostas instintivas não só numa figura humana mas numa figura humana particular. Com o passar do tempo percebe que todos



Ambos os tipos de resposta actuam como desencadeadores de resposta nas mães e nenhuma destas respostas é mais primária que a outra.

os fragmentos percebidos no aqui e agora, são atribuídos à mesma e única fonte. Bons tratamentos duma qualquer mulher simpática deixam de a satisfa-

zer, só a sua própria mãe serve.

Bowlby hesita em atribuir uma idade a este desenvolvimento. Estudos de Spitz e Schaffer, tornam claro que isso ocorre aos 6 ou 7 meses, mas há razões para acreditar que isto já ocorreu pelos 5 - 6 meses.

Só depois deste ponto ter sido alcançado lhe é possível dar os passos seguintes:

Primeiro conhecer a fonte com existência fora de si própria e, segundo, atribuir os fragmentos familiares a um objecto familiar com os rudimentos de um passado e um futuro. Como já foi referido, segundo Piaget a idade em que isto ocorre seria os 9 meses, embora Bowlby a considere incerta.

Ainda segundo Bowlby, no caso da personalidade humana, a função integradora da figura maternal única tem tal importância que dificilmente pode ser exagerada. Os efeitos nocivos devidos à privação e separação da mãe são causados, em grande parte, por uma interferência com esta função quer impedindo o seu desenvolvimento, quer destruindo-a, num ponto crítico.

O fim do primeiro ano de vida contém as bases da saúde mental do ser humano. Estudos feitos demonstram que as crianças seguramente vinculadas durante o primeiro ano são, posteriormente, mais cooperantes, mais afectivas, menos agressivas. Tornam-se mais competentes e mais simpáticas nas suas inte-

racções com os pares. Têm mais momentos de exploração e um interesse exploratório mais intenso, são mais entusiásticas a resolver problemas, são persistentes e curiosas. Tendem a obter melhores pontuações, quer nos testes de desenvolvimento, quer nas medidas de desenvolvimento da linguagem. São ainda mais tolerantes à frustração.

Após esta exposição acerca do desenvolvimento afectivo e cognitivo da criança no 1º ano de vida, temos que ter em conta as possibilidades das mães assegurarem as suas funções.

Do ponto de vista psicológico recomenda-se que a mãe possa ficar com a criança no 1º ano de

vida. No entanto, se tiver que deixar a criança mais cedo por ter que voltar a trabalhar, antes o faça aos 3 - 4 meses, altura em que o bebé não diferencia a figura materna, mas apenas um conjunto de sinais sem carácter permanente, do que entre os 6 e os 9 meses, em que já há respostas diferenciais entre a figura materna e o estranho, cuja angústia de separação decorre do medo da perda.

Sabe-se hoje, no entanto, que a vinculação não acaba pelo ano mas mantém-se para sempre embora com características diferentes, mais representacionais do que reais.

SV

#### BIBLIOGRAFIA:

- 1 - BOWLBY, J. - "A natureza da ligação da criança com a mãe", in SOCZKA, L., *As ligações infantis*, Amadora, Bertrand, 1976.
- 2 - GOLSE, B. - *Le Développement Affectif et Intellectuel de L'enfant*, 3ª ed., Paris, Masson, 1992 (1985).
- 3 - PEDRO, J.C.G. - *A relação mãe-filho, influência do contacto precoce no comportamento da diáde*, Imprensa Nacional, 1985.
- 4 - RELVAS, A.P.; ALARCÃO, M.; SÁ, E. - *A complementaridade das competências Mãe-Bebé*. "O Médico", 39, 119, 1987, 1988, 157-160.
- 5 - SOARES, I. - *Representação da vinculação na idade adulta e na adolescência*. Tese de doutoramento, U. Porto, 1992.
- 6 - SPITZ, R. - *De la naissance à la parole - la première année de la vie*. Presses Universitaires de France, 1968.
- 7 - TELES, A. S. - *Estatuto Geral dos Funcionários e Agentes da Administração Pública*, 3ª ed., Imprensa Nacional - Casas da Moeda, 1987.
- 8 - WINNICOTT, D.W. - *De la Pédiatrie à la Psychanalyse*, Paris, PBP (Petit Bibliothèque Payot), 1969.